

/// Há uma lógica cruel na qual a vítima é culpabilizada e a ação do estuprador naturalizada

Precisamos falar sobre a prática do estupro

A publicação da pesquisa realizada pelo Datafolha, há poucos dias, deixou em evidência o perfil preconceituoso de homens e mulheres em nosso país: um em cada três brasileiros acreditam que “se a mulher se desse ao respeito” ela não seria estuprada. Essa afirmação nos remete a um padrão comportamental machista, que ao contrário do que alguns insistem em dizer, não ficou no passado, mas, sim, transcende gerações

perpetuando a violência contra as mulheres.

E o que significa “se dar ao respeito”? Confesso que não achei nota técnica explicando o significado dessa frase, que nos leva a uma construção histórico-machista, fruto de um patriarcado onde o papel do homem é supervalorizado em detrimento do desempenhado pela mulher.

Antigamente, ao que parece em um

passado não tão distante, as mulheres eram criadas para cuidar da família, usar roupas comportadas, apresentar bons modos, sentar de pernas fechadas, não ingerir bebida alcoólica, manter-se virgem para o marido, valorizada pela discrição e não pelo seu sucesso na carreira. A revista Cláudia (queridinha de ontem e de hoje), no ano de 1962, nos ensinava que “a mulher deve estar ciente que dificilmente um homem pode perdoar uma mulher por não ter resistido às experiências pré-nupciais, mostrando que era perfeita e única, exatamente como ele a idealizara”.

Chegamos assim à conclusão que, “se dar ao respeito”, é a mulher que se adequa a um padrão definido pela sociedade em um dado momento histórico.

A sociedade só reconhece o estupro como crime quando a mulher se encaixa no seguinte estereótipo imaginário: estuprador é um monstro e a vítima é aquela mulher caída em um beco escuro ensanguentado. Somado a tudo isso, acresça-se que não pode ser qualquer mulher, mas sim aquela que “se dá ao respeito”.

Todo estupro que foge desse modelo é visto de forma preconceituosa e com desconfiança. Há uma lógica cruel na qual a vítima é culpabilizada e a ação do estuprador naturalizada. Precisamos falar sobre o estupro nas escolas, na praia, no campo de futebol, nas famílias, nas igrejas, em todos os espaços; só assim conseguiremos desconstruir valores machistas que fortalecem a cultura do estupro.